

## A CASA DA MARQUESA DE SANTOS, EM SÃO PAULO (\*)

CARLOS A. C. LEMOS

### O MUSEU

O tema deste trabalho é um antigo sobrado existente na atual rua Roberto Simonsen, outrora rua do Carmo, no Centro de São Paulo. É, positivamente, a última construção residencial urbana do século XVIII existente entre nós, pois as casas bandeiristas que conhecemos, a de José de Góis e Moraes em Santana, a do Tatuapé, a do Butantã e a do Caxingui são construções rurais absorvidas pela cidade que cresceu.

A partir de 1834, aquêle edificio passou a ser morada da Marquesa de Santos. Em maio de 1880 foi arrematado pela Cúria Metropolitana e tornou-se Palácio Episcopal. Em 1909 o prédio foi comprado pela Companhia de Gás, após a mudança do bispo para o Rua São Luís.

Interessa-nos restaurar êsse sobrado, que milagrosamente escapou da onda avassaladora de demolições impostas em nome do progresso ou do crescimento desordenado da cidade.

Inicialmente pensamos em instalar ali um "Museu Imperial da Província de São Paulo", conforme sugestão do Prof. Marques dos Santos — proposta um tanto romântica ou saudosista e, quem sabe, talvez até inexe-

---

(\*) Monografia de encerramento da disciplina «Restauro e Conservação de Obras de Arte» do 1.º Curso de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Quando, em 8 de fevereiro passado, propusemo-nos a escrever um pequeno trabalho sobre uma possível restauração da Casa da Marquesa de Santos, não sabíamos ainda o que iríamos encontrar naquele imóvel e pensávamos, também, que teríamos o auxilio do arquivo da seção paulista do DPHAN. Imaginávamos, ao mesmo tempo, que muita coisa iríamos descobrir no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. E iludimo-nos, também, quanto ao tempo disponível para a fectura da monografia proposta. O tempo para pesquisas foi escasso e em época de férias que abrangia o Carnaval. Assim, não pudemos pesquisar no arquivo da Cúria porque seus responsáveis não estavam em São Paulo. O arquivo da DPHAN nada possui a respeito — nem uma planta ou foto sequer. Assim, dentro do prazo dado pela direção do 1.º Curso de Pós-graduação, fizemos o que pudemos e pedimos desculpas pelas falhas e omissões existentes neste trabalho. Março, 1965.

quível já que nossos principais documentos relativos aos titulares do Império estão acolhidos no Museu Imperial de Petrópolis, estabelecimento que satisfaz plenamente sua função de retratar os ambientes da nossa antiga aristocracia. Parece-nos que o museu ali possível devesse ter outro tema educativo, ou pelo menos, outra orientação — seria mais interessante, por exemplo, o “Museu dos equipamentos domiciliares” de São Paulo. O porquê dessa proposta é facilmente justificável. Ficamos sabendo que existe no ar, ainda em fase embrionária, a idéia de se criar uma Fundação amparada por todas as empresas do grupo canadense, que controla a São Paulo Light, Cia. Telefônica Brasileira, a Cia. Paulista de Serviços de Gás, Cia. City de Santos etc., cuja sede seria o velho sobrado da Marquesa de Santos devidamente restaurado. Tal fundação teria função cultural. Patrocinaria cursos, conferências e exposições sobre as atividades relacionadas com aqueles serviços de utilidade pública e com o conseqüente progresso de São Paulo. Inicialmente, a idéia é louvável sob um aspecto: o edifício seria preservado. Sua conservação e restauração seria do interesse de seus proprietários, o que é, afinal de contas, inesperado, mormente se levarmos em conta o valor do metro quadrado de terreno no coração de São Paulo, a menos de cem metros da Praça da Sé.

Restaurado o edifício, estudar-se-ia melhor o seu definitivo destino: talvez abrigar no térreo as instalações culturais de interesse dos proprietários; no sobrado, o museu dedicado aos equipamentos das moradias de nosso Império. Não o Museu Imperial da Província, como sugeriu o Prof. Marques dos Santos — mas a reconstituição dos interiores de uma casa urbana paulista do período imperial. Talvez esse museu pudesse ser uma continuação ou ilustração, ou mesmo, complementação das atividades exercidas no térreo. Já que a mencionada Fundação estaria ligada às companhias responsáveis pelo fornecimento de eletricidade, gás e telefone — seria interessante que se desse no museu do pavimento superior ênfase maior aos equipamentos destinados em épocas passadas e, principalmente, no século XIX, à iluminação, cocção, comunicação etc. O problema da iluminação, em local à parte, poderia ser estudado desde a candeia a óleo de mamona e a vela de sebo até à lâmpada elétrica, passando pelas luminárias a querosene e a gás. Essa seção teria mostruários ostentando a evolução do ferro de passar e engomar roupas. Interessante seria a coleção dos equipamentos das atividades culinárias em geral, que a eletricidade e o gás aperfeiçoaram, como os fogões, fogareiros etc. Iriamos do pilão indígena ao liquidificador. Do fumeiro à geladeira elétrica. Quanto aos meios de comunicação, muita coisa interessante surgiria até culminar com o telefone de Graham Bell.

### HISTÓRIA DA CASA

A casa da Marquesa de Santos estava situada na esquina da Rua do Carmo com o Beco do Colégio, também chamado Beco do Pinto. E esse beco teve uma história movimentada, foi motivo de uma sucessão de de-

mandas judiciais e, por isso, estão guardadas nos nossos arquivos informações que interessam à história do sobradão que nos preocupa. Nossa principal fonte de consulta foi o trabalho do historiador Nuto Sant'Ana, publicado na XXVI.<sup>a</sup> *Revista do Arquivo Municipal*, em que ele procura contar toda a vida daquele beco estreito, desde a fundação do Colégio de Piratininga até 1935, ano da publicação.

Desde a fundação de São Paulo, o Beco do Colégio era um dos poucos acessos da colina ao rio Tamanduateí. Por ali buscava-se água e levava-se o lixo, a ser depositado nos charcos da várzea do Carmo. Era uma descida estreita e íngreme, bem definida na sua parte inicial, pois estava entre dois sobrados importantes. Abaixo das construções a passagem serpenteava entre as árvores dos quintais. A falta de alinhamentos definidos, o lixo que negros preguiçosos deixavam por ali mesmo e as enchurradas que vinham do Pátio do Colégio foram as principais razões das demandas que se iniciaram em 1821. Dois sobrados delimitavam a boca do beco. Num deles morava a D. Maria Clara Gomes e no outro, o que foi da Marquesa, morava o neurastênico brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme. Naquele ano o brigadeiro fechou a passagem com um portão. A Câmara interpelou-o, pois a servidão de passagem não podia ser eliminada. Depois, o procurador de D. Maria Clara reclamou em juízo contra um muro de taipa que o mesmo cidadão estava fazendo dentro do beco, alargando indevidamente seu quintal e prejudicando a viúva, inclusive na iluminação de seus cômodos terreiros. Lendo a vasta documentação ficamos sabendo que o brigadeiro comprara o sobrado em 1802 e que os antigos possuidores tinham o imóvel desde 1712. Na verdade, não nos interessa no momento descrever as peripécias das demandas iniciadas em 1821. O portão foi aberto, depois fechado e novamente aberto. O muro que invadiu o beco foi demolido à força, suprema humilhação ao brigadeiro Pinto. Mas a Marquesa vingou-o. Depois que comprou o sobrado, em 1834, iniciou demanda com a Câmara exigindo a reposição do muro demolido em 1826. A Câmara que indenizasse os prejuízos, fazendo novo muro onde achasse certo — o que não podia era o quintal ficar sem fêcho ao longo do beco, local de práticas pouco recomendáveis, além de ser o costumeiro depósito de lixo das casas vizinhas. Aliás, devido a essas inconveniências deveria haver mesmo um portão no lugar — portão que se comprometia a deixar aberto durante o dia e fechado a chave durante a noite. Enfim, a história do beco é comprida e monótona. Ele ainda existe até hoje. Em certo lugar é estrangulado por uma construção da Polícia, é verdade, mas continua dando passagem para a rua de baixo. As demandas nos foram úteis em informações sobre o sobrado que nos interessa. Foi adquirido em 9 de fevereiro de 1802 pelo brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme. A construção deve ser da segunda metade do séc. XVIII, como indicam as características de suas envasaduras de vergas curvas. É certo que o brigadeiro dissera que a propriedade estivera em mãos dos antigos donos 90 anos, mas isso não quer dizer que a construção seja de 1712. Em todo

caso, pesquisas possíveis no Arquivo do Estado possibilitariam, quem sabe, a determinação exata da idade da velha casa. Em 31 de maio de 1834, D. Maria da Anunciação de Moraes Lara Gavião, filha do brigadeiro, vendeu a propriedade à Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, trazida a São Paulo pelos maus sucessos políticos e amorosos, depois de alguns anos de brilho na Corte do recém-fundado Império. No Rio, ela havia morado em grande residência do séc. XVIII, especialmente reformada para ela, segundo o gosto neoclássico da época. Nesta altura surge-nos a primeira grande dúvida: teria sido a Marquesa a autora da transformação evidente por que passou o sobrado? Reforma que eliminou o beiral fronteiro e colocou platibanda neoclássica arrematando o telhado? Que elevou o pé-direito dos três salões da frente, criando três forros côncavos apainelados? Que para proporcionar a fachada acrescida da platibanda criou novos arremates para as vergas das janelas superiores? Reforma muito semelhante à procedida na velha casa do Rio de Janeiro? Não sabemos. Não sabemos se foi o Brigadeiro, sua filha ou a Marquesa o autor da transformação. O sobrado, herdou-o o filho mais velho de Domitila: Felício Pinto de Mendonça e Castro, o qual faleceu a 15 de julho de 1879. Pôsto em praça, foi arrematado em nome da Mitra pelo cônego-arcepreste dr. João Jacinto Gonçalves de Andrade, no dia 28 de maio de 1880, por 50 contos de réis. Em 1834 havia custado à Marquesa onze contos e quatrocentos mil réis. O bispo procedeu às reformas, construiu uma capela, não sabemos onde, pois não há vertígios, e sob o altar-mor fez uma cripta para os ossos dos prelados já falecidos. Parece que as reformas dos padres se prolongaram por muitos anos. Tiveram problemas com a parede de taipa contígua ao sobrado da direita, de vizinhos bons que não se importaram em vender uma nesga de terreno de 0.28 m por 9.00 m de comprimento. Os vendedores, herdeiros do dr. Manoel José Chaves fizeram a venda em 1899 para facilitar a feitura de nova parede de tijolos ao longo da divisa "que ia até o cunhal do puxado da cozinha". Essa cozinha parece ser na casa deles e não na do bispo.

Após a compra de 17 de novembro de 1909, a Cia. de Gás procedeu, também, a reformas importantes. Naquele ano pedia ao Prefeito Antônio Prado licença para fazer obras de "adaptação, constando principalmente, de reparação do madeiramento estragado, substituição de paredes por colunas de ferro e demolição de uma parte da casa para formar uma área que permitirá a penetração do ar e da luz em cômodos hoje escuros, pede a V. Excia. licença para executar tais trabalhos, e também de transformar algumas janelas do pavimento térreo em portas e reabrir uma porta e duas janelas que se acham hoje tapadas, ficando entendido que não se alterará de nenhuma forma a feição da frente e nem se fará trabalho algum, quer na frente quer no telhado (no qual não se propõe fazer senão concertos) que importe em aumento da vida natural do prédio. Nesses termos," etc. etc. A última frase da petição parece referir-se ao desejo antigo da Prefeitura de demolir parte da frente do sobrado que avança sobre o

alinhamento da rua do Carmo — a “vida natural” do prédio não deveria ser prolongada. Pelo requerimento acima vê-se que as mutilações foram grandes, pois foi criada vasta área descoberta ao longo da divisa lateral, justamente ao longo da nesga comprada anos antes. Paredes térreas do salão central foram demolidas e substituídas por colunas de ferro fundido. Nessa oportunidade desejavam fazer salão térreo imponente e, além de criar grande vão livre, aumentaram o pé-direito suspendendo o soalho do salão central superior. No pavimento de cima foi instalada a residência do Gerente da companhia. Em 1935 houve nova grande reforma. Toda a parte posterior do sobrado (o último pavimento era avarandado com vidraçaria corrida) foi demolida para dar lugar a novos salões de escritório.

Apesar de todas as reformas, demolições e acréscimos o imóvel ainda conserva certa dignidade e grandeza entre os arranha-céus em volta.

### PESQUISA NO LOCAL

Evidentemente os trabalhos de abordagem que devem anteceder à restauração seriam agora impossíveis por razões óbvias. Necessariamente as paredes deveriam ser racionalmente desprovidas de seus revestimentos para se tornarem visíveis as marcas ou vestígios de reformas havidas, de paredes demolidas, de envasaduras tapadas, etc. Os pisos de madeira do segundo pavimento são de tábuas largas de canela preta em cômodos sabidamente antigos: de tacos de madeira em outros locais, mostrando com certa precisão onde terminam os aposentos velhos e começam as salas novas de pisos de laje de concreto. Esses soalhos antigos poderiam ser removidos para análise dos barrotes e dormentes de sustentação que talvez pudessem dizer algo sobre a feição antiga da planta. No térreo, valetas deveriam ser abertas para interceptar vestígios de fundações antigas de paredes já demolidas. O madeiramento atual do telhado, que ainda mostra armaduras antigas de paus roliços poderia ser descoberto e analisado, principalmente na parte da frente, onde em época não sabida foram introduzidos os três forros abobadados em forma de gamela e guarnecidos de painéis que, com certeza, foram decorados. Testes sob a pintura atual daqueles forros e das portas internas deveriam ser feitos. Enfim, grande série de providências necessárias à reconstituição dos ambientes antigos deveria ser tomada em época oportuna, que não seria agora com a Companhia de Gás ali instalada em pleno funcionamento burocrático. No momento atual, a direção daquela Companhia procura dar feição antiga a certos ambientes e locais desfigurados por reformas anteriores. Está, inclusive, trocando folhas e aros de portas e janelas novas por cópias das antigas ainda remanescentes no prédio. Assim procedendo, tornou-se necessário, na parede lateral da caixa de escada n.º 1 (vide planta A), remover parte do revestimento. Surgiram os materiais de construção testemunhando naquele local reformas procedidas em pelo menos duas ocasiões. A parede, acima do nível do sobrado, é de taipa de pilão. Os barrotes do soalho apresentam

suas cabeças serradas aflorando naquele ponto. Abaixo da estrutura de sustentação do piso a parede é de tijolos cerâmicos avantajados e muito bem queimados. Nesse trecho, com o mesmo tijolo, havia uma vêrga curva de pleno cinto sugerindo uma porta que foi fechada com alvenaria de tijolos bem menores e de outra qualidade. Os barrotes serrados, que reaparecem do outro lado vazio da escada e aquela porta atrás dos degraus indicam que a escadaria foi ali agenciada em reforma recente. Assim, um pequeno trecho descascado de parede nos revelou dados importantes e nos deu dúvidas maiores. Onde seria a escada principal? Seria na sala 3 (Planta A) do pavimento térreo, ao lado do pátio interno? A escada n.º 2 parece ser antiga ou estar no local da original, pois está engasgada, no térreo, entre paredes primitivas de taipa. Sua chegada no pavimento superior, porém, nos causa confusão: a meio caminho dos degraus existe um arco, como se fôsse uma vêrga de porta, cujas ombreiras da altura do piso do sobrado para baixo foram prolongadas até os degraus. Esse fato sugere que antigamente o vazio da escada fôsse ocupado por um corredor cujo piso tivesse sido retirado para permitir a escadaria. Essa hipótese, porém, não explica as paredes paralelas de taipa do térreo.

Enfim, como já dissemos, somente pesquisas no local indicariam com mais precisão indícios da planta primitiva. Os forros estão bem conservados e as esquadrias remanescentes também.

### A RESTAURAÇÃO

Sabemos que o sobrado da Marquesa de Santos foi mutilado pelo menos em dois locais: A Companhia de Gás em 1909 abriu uma área interna ao longo da divisa para iluminar uma bateria de sanitários do segundo pavimento e, depois, em 1935 demoliu a parede dos fundos para dar continuidade espacial entre o prédio velho e os novos salões de estrutura de concreto armado levantados no quintal. Existe fotografia (foto 1) mostrando a fachada posterior do sobrado. Por ela seria possível reconstituição do avarandado envidraçado superior, já que se impõe a demolição dos salões de 1935. Evidentemente teríamos que levar em conta as posturas da carta de Veneza, de maio 1964. Toda a fachada dos fundos seria feita novamente se integrando "harmoniosamente ao conjunto, embora se diferenciando das partes originais, a fim de que a restauração não falsifique o documento da arte e da história". A mesma Carta diz que as "contribuições de todas as épocas à edificação de um monumento devem ser respeitadas. A unidade de estilo não deverá se tornar um fim a ser alcançado no curso da restauração". Assim, é aconselhável a demolição dos salões de concreto armado de 1935, pois não constituem contribuição e sim intromissão evidentemente prejudicial ao conjunto arquitetônico. Já a reforma de época não sabida, talvez feita pela Marquesa, que vestiu o velho sobradão setecentista com a roupagem neoclássica do início do séc. XIX será acatada e conservados os seus característicos. Procurar-se-ia reconstituir

o sobrado do segundo quartel do século passado. A técnica de restauração, isto é, os sistemas construtivos e os métodos de acabamento deverão ser os daquela época, já que os materiais também o serão. Isso porque não se cogita de problemas mais graves relacionados com a estabilidade do edifício, oportunidade em que se apela, então, para a técnica contemporânea — a única economicamente viável nos processos de estabilização de monumentos, para não citarmos as razões da exequibilidade. Os trabalhos de restauração irão se restringir a reposição de paredes, envasaduras, pisos etc. Enfim, os trabalhos de restauração irão se cingir mais aos acabamentos da época, do que à estrutura propriamente dita.

### COMENTARIO A RESPEITO DA PLANTA A

Com auxílio das plantas antigas e subindo ao fôrro do casarão para observar os topos das paredes e, ainda, baseados em indícios, marcas e vestígios de alterações existentes em soalhos modificados, em rodapés interrompidos e forros emendados, pudemos organizar a chamada planta A, onde aparecem as paredes consideradas “antigas”, anteriores às reformas efetuadas a partir da compra da casa pelo Bispo. Agora, fomos gentilmente recebidos pelos funcionários da Cia. de Gás e dêles, especialmente os ligados à Seção de Engenharia, recebemos oportunas e esclarecedoras informações. Assim, essa planta, evidentemente omissa em pormenores e particularidades talvez importantes, pode sugerir uma visão aproximada do planejamento primitivo. As paredes, mais espessas, são de taipa de pilão. As outras, mais delgadas, são de taipa de mão, ou de pau-a-pique. Evidentemente, as paredes de taipa de pilão são as primitivas e, talvez o sejam algumas de pau-a-pique. Não foi rara em São Paulo a solução mista, que apelava concomitantemente para aquelas duas técnicas. Inclusive em paredes externas. Recentemente mesmo vimos em casa rural bandeirista, já demolida em parte, paredes externas de taipa de pilão até a altura dos peitoris. Dali para cima as paredes eram de taipa de mão. Essa ocorrência aparece na casa da Marquesa numa parede externa do sobrado, na face que olha para o Beco do Pinto. A primeira vista parece que a construção naquele local fôsse primitivamente térrea e, assim, o pátio interno seria aberto em uma das faces na altura do sobrado. Tudo indica, porém, que aquelas paredes sejam primitivas. A parede que separa o salão da direita do salão central também é de pau-a-pique e, no entanto, é mais recente: surgiu quando foram elevados os pés-direitos das salas nobres da frente. As paredes de tijolos, perceptíveis, comparando-se a planta A com as plantas B e C, são contemporâneas às reformas efetuadas pela Cúria Metropolitana e pela Cia. de Gás.

A localização da escada primitiva é um problema porque não existem indícios de qualquer natureza, pelo menos aparente, que indiquem o agenciamento dos degraus. Já falamos do aro de porta situado no meio do lanço superior da escada atual, sugerindo que aquêle local fôsse uma extre-

midade de corredor. Essa sugestão, no entanto, não nos leva a caminho nenhum. Naquele local há, também, uma clarabóia hoje obstruída que constitui uma solução arquitetônica usual para iluminar caixas de escada ou patamares de chegada. Acontece, porém, que essa clarabóia interrompe cimalthas e molduras antigas, dando solução de continuidade à decoração. É, portanto, nova. E, quem sabe, contemporânea à escada atual. Cremos que sem demolições parciais e testes nas paredes e vigamentos dos soalhos não poderemos descobrir a situação da primitiva escadaria.

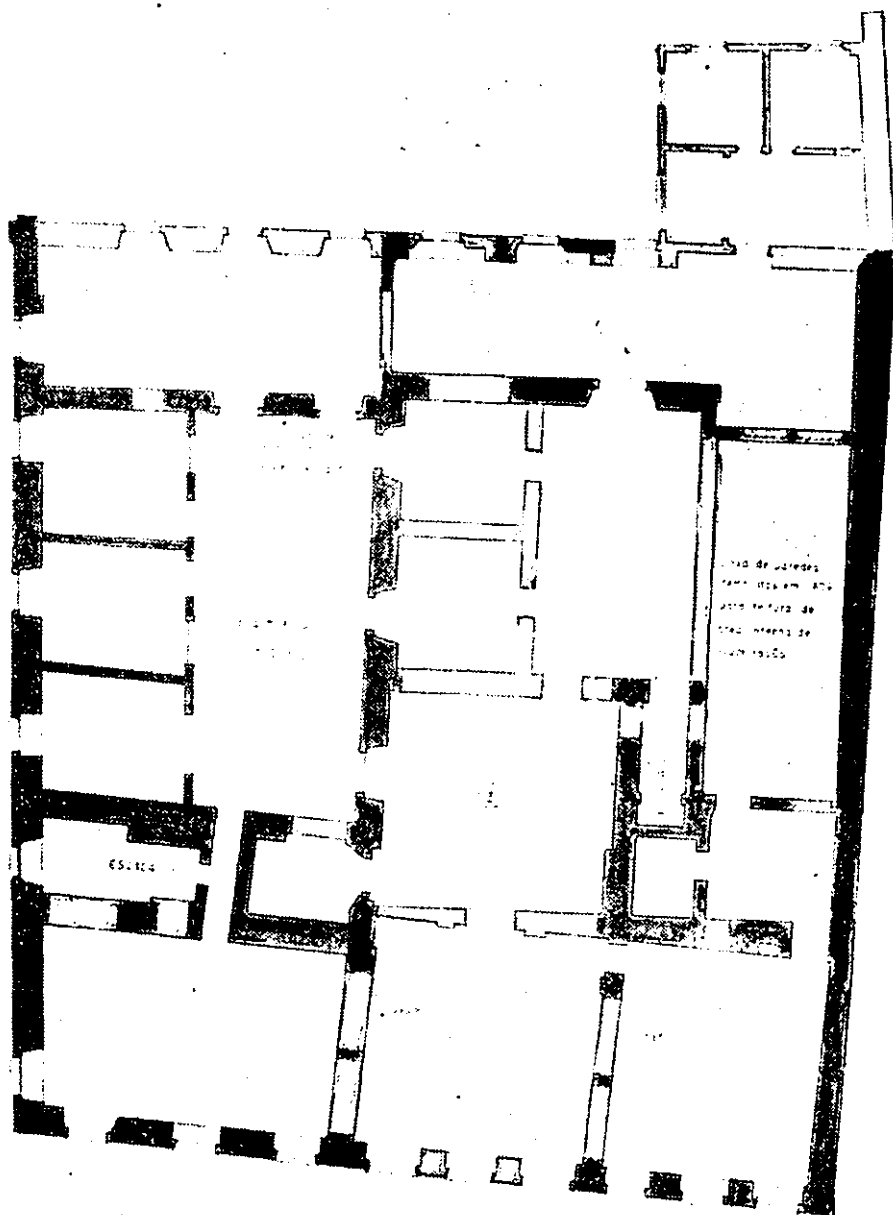
Ao lado direito de quem olha o sobrado, ao longo da divisa, existe uma zona duvidosa em que não há vestígios das paredes demolidas em 1909 para a obtenção da área interna de iluminação dos sanitários. Ali seriam necessárias valetas no solo para se interceptarem os alicerces antigos, com certeza ainda existentes.

A questão da fachada dos fundos não oferece muitas dificuldades. Conseguimos fotografia, que dizem ser de 1917, onde aparece aquela fachada como era no tempo do Bispo, pois a Cia. de Gás ainda não havia reformado aquela zona do prédio. Vê-se, claramente, no último pavimento uma sucessão de caixilhos envidraçados guarnecendo as galerias antigas chamadas varandas. O lance contíguo ao Beco do Pinto, ou do Colégio, apresenta janelas normalmente espaçadas umas das outras. O pavimento térreo, assobradado nos fundos, apresenta janelas situadas entre sombras curvas nas paredes que nada mais eram que antigos arcos tapados com alvenaria. Sabemos que a fachada dos fundos era arqueada através de preciosa aquarela, executada em 1828, por Palière. Aquêl trabalho mostra uma vista de São Paulo através da várzea do Tamanduateí e, na extremidade esquerda, aparece a casa do Brigadeiro Pinto separada pelo Beco do Colégio das outras construções que formavam o quarteirão da "celula mater" paulistana.

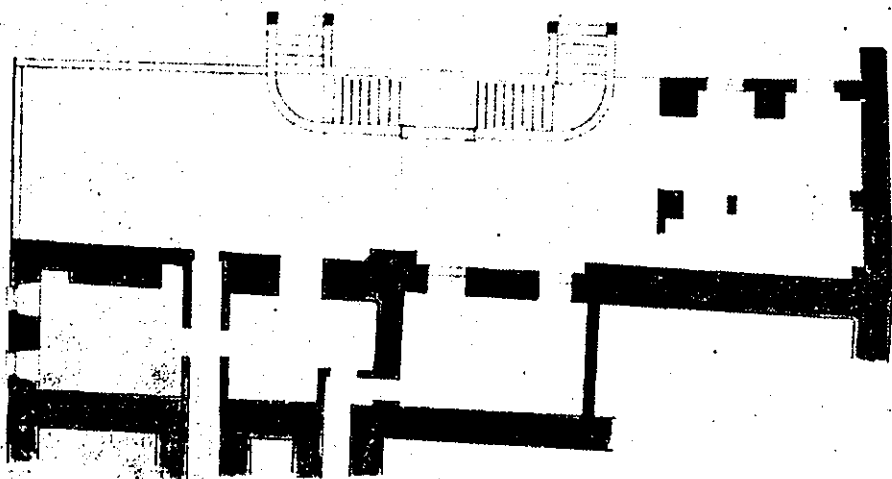
#### BIBLIOGRAFIA

- NUTO SANT'ANA — «O Beco do Colégio», in *Revista do Arquivo Municipal*, n.º XXVI.
- Atas do Conselho da Presidência da Província de São Paulo, in «Documentos Interessantes», vol. 86, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo.
- Carta de Veneza — Carta para a Conservação e a restauração dos monumentos, aprovada pela Assembléa do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos Históricos, Veneza, 31 de maio de 1964, in «Arquitetura», n.º 27, setembro 1964.
- Manuscritos e plantas do arquivo da Cia. Paulista de Serviços de Gás.
- ARNALDO JULIANO PALLIERE — «Panorama da Cidade de São Paulo, visto da Várzea do Carmo, em 1828», in *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, vol. 1, por Ernani da Silva Bruno.





ANDAR TERRECO



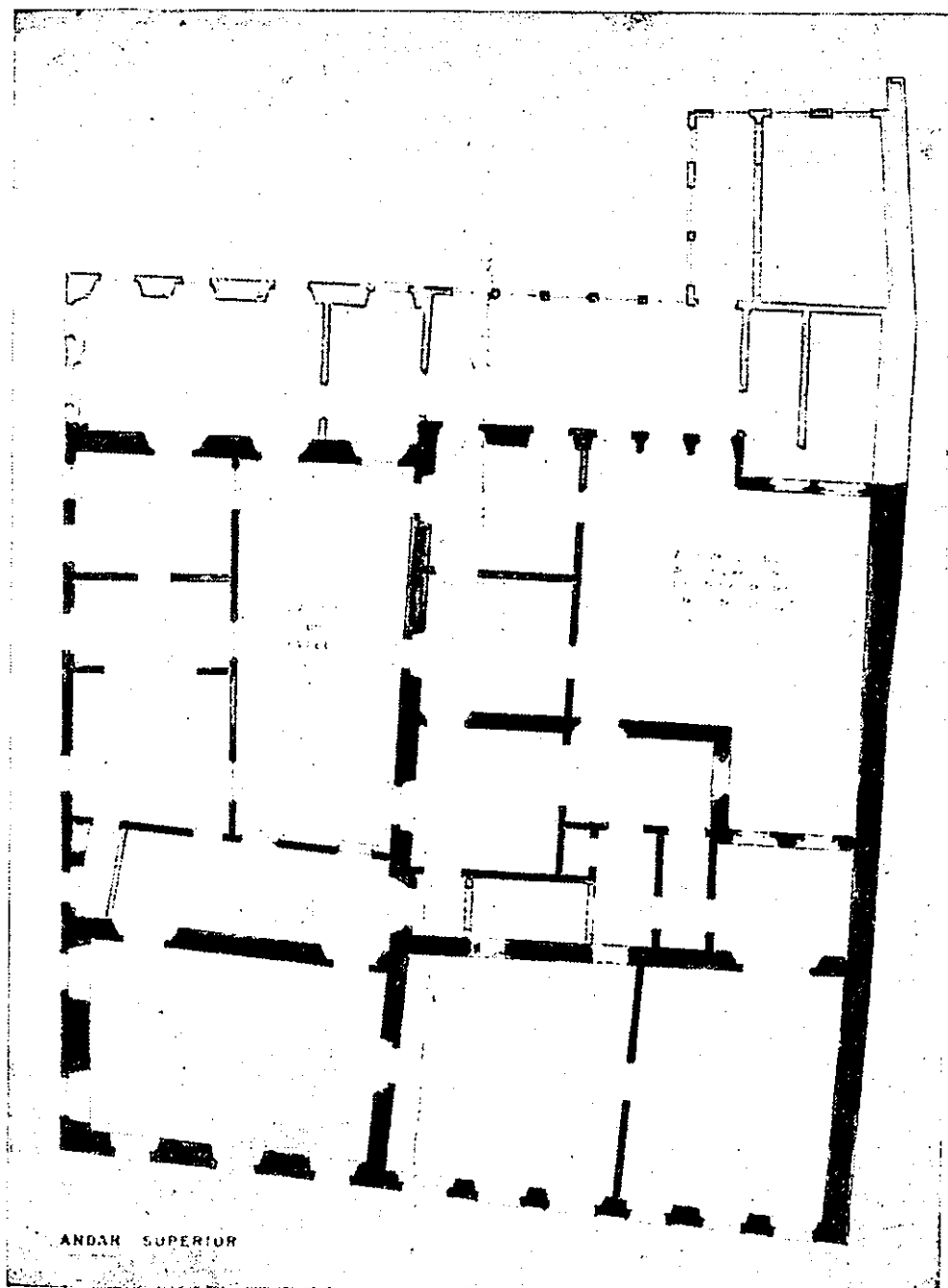
PORÃO

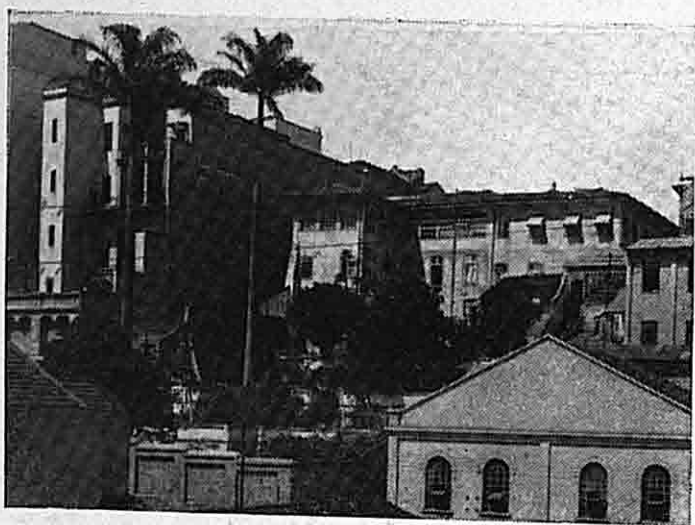
# L E G E N D A

- MURADA ANTIGA, RECONSTRUÍDA, AS DE GRANDE ESPESURA DE  
TAMPA DE PIEDRA E MUR DE ALTA DE TAPA DE MÓD.
- FUNDAMENTOS DE MURADA ANTIGA, RECONSTRUÍDA, EM RECONSTRUÇÃO

PLANTA

A





*Foto 1 — Vista posterior da casa da Marquesa. Foto tirada antes de 1920.*



*Foto 2 — Fachadas da sede da Cia. de Gás, na década iniciada em 1920 e agora (v. Fig. 2A) em 1965, quando aquela empresa repõe no térreo janelas copiadas das antigas remanescentes.*



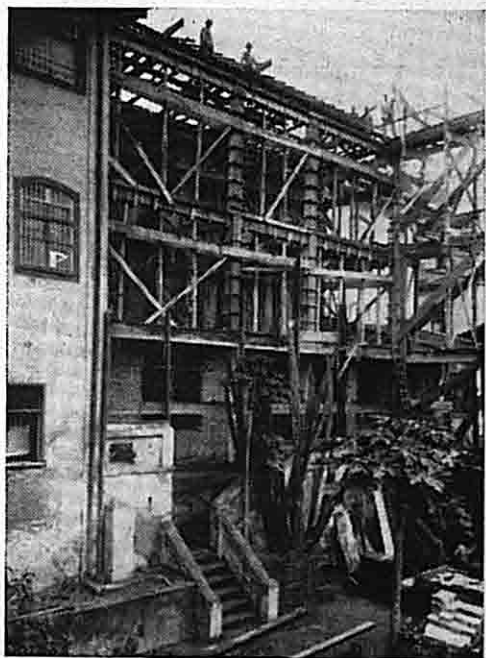
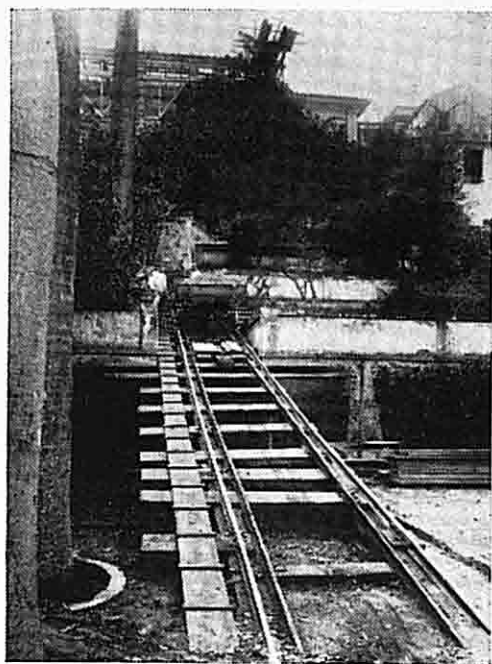
*Foto 2A — V. legenda Foto 2.*



Foto 3 — Vista do estado atual do imemorial Beco do Colégio ou do Pinto.



Foto 3A — Pormenor mostrando onde começa a platibanda neoclássica e termina o beiral antigo e ali interrompido



Fotos 4 e 4A — Vistas antigas dos  
patamares ajardinados do quintal e  
das obras efetuadas em 1935.

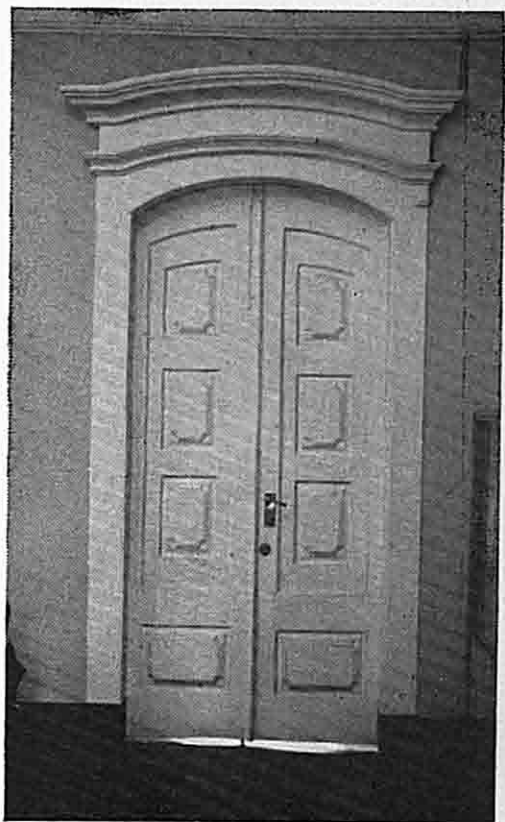


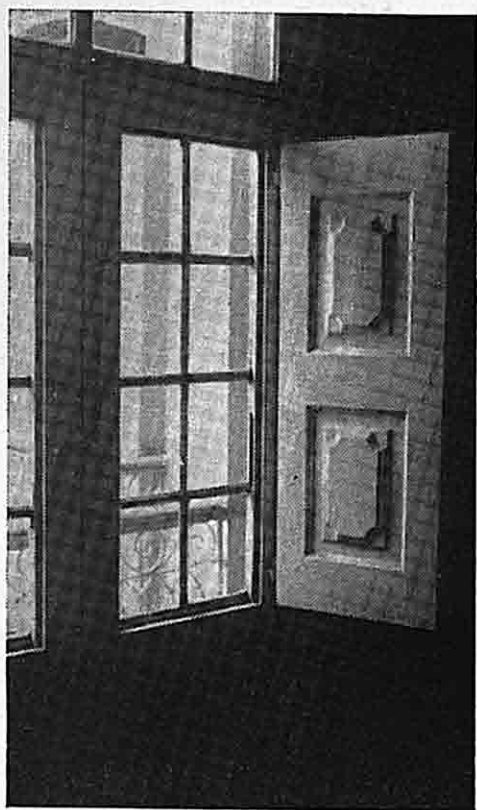
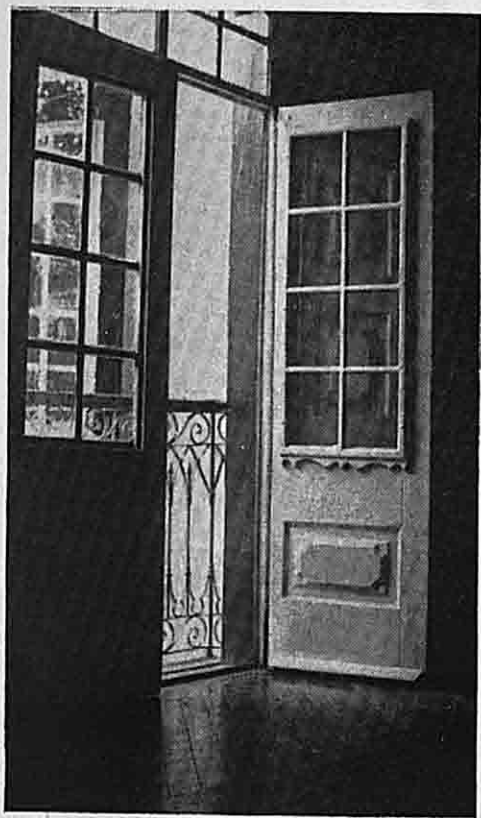
*Fotos 5 e 5A — Vistas do pátio interno. Os gradis de ferro forjado dos balcões parecem ser contemporâneos às reformas efetuadas pelo bispado.*





*Fotos 6 e 6A — Portas almofadadas do salão na quina com o beco.*





Fotos 7 e 7A — Porta de postigo dando para o balcão sôbre o páteo.